

Legitimar e confirmar a nobreza:**O relato do “Anel da Benção” dos Lima em Portugal (século XVII)**

DANIEL CARVALHO DE PAULA*

Através do estudo do caso do relato do “Anel da Benção” dos Lima, família nobre de Portugal, pretendemos alumiar um pouco mais a questão dos expedientes discursivos de legitimação e confirmação da Nobreza no Antigo Regime português. Não faremos um histórico compreensivo de tal relato, mas apresentaremos versões do relato presentes em algumas obras, apontando o claro parentesco entre elas e adiantando algumas interpretações. Os dois relatos principais que traremos à luz foram produzidos em Portugal no período filipino e no pós-restauração, momentos da história lusitana em que cresceu o esforço em se produzir esses discursos que garantissem o reconhecimento dos privilégios, honras e mercês das famílias nobres pelo rei estrangeiro, no primeiro caso, e pela nova casa real, no segundo, perante a qual era preciso provar lealdade e pertença longínquas ao reino depois de sessenta anos de domínio espanhol (FRANÇA, 1997; MEGIANI, 2004). Prova da importância desses expedientes legitimadores é a profusão de escritos de natureza genealógicas que correram manuscritos e impressos e procuravam atestar a nobreza das linhagens que vemos emergir à época (BOUZA-ALVAREZ, 2000, 2001; CASTILLO-GÓMEZ, 2006; CURTO, 2007; MEGIANI, 2006:231-250). Talvez o trabalho aqui lançado não se preste a grandes explicações, mas, sim, tenha por resultado, através da coleção de fontes pouco estudadas, oferecer novos subsídios e demonstração empírica de um fenômeno já extensamente trabalhado pela historiografia especializada na cultura política ibérica do período.

O ponto de partida desse estudo é o verbete sobre o relato do “Anel da Benção” encontrado no *Diccionario das Antiguidades de Portugal*¹, obra manuscrita inédita, quase incógnita, que, por essa razão, apresentaremos ao leitor antes que nos ocupemos de fato do estudo dos relatos e dos expedientes retóricos mobilizados neles.

Com 662 verbetes, até agora identificados, que tratam principalmente das famílias nobres portuguesas, heráldica, numismática, cargos e funções na corte, nas armas e na Igreja,

*Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

¹ O *Diccionario das Antiguidades de Portugal* é obra com que temos trabalhado desde o início de 2011, nos quadros de uma Iniciação Científica e, a partir do segundo semestre de 2012, como parte do mestrado desenvolvido sob a orientação da Profa. Dra. Ana Paula Torres Megiani, DH-FFLCH-USP, intitulado “*Diccionario das Antiguidades de Portugal*: História, composição e transmissão de uma obra inédita do século XVIII”.

além de cerimoniais, fábulas e outras antiguidades, o *Diccionario das Antiguidades de Portugal*, está atribuído, oficiosamente, a Manuel Severim de Faria (1583-1655), o célebre erudito, Chantre da Sé de Évora (MEGIANI, 2005:239-256; VASCONCELOS, 1914). Inicialmente, possuíamos apenas uma cópia manuscrita do século XIX feita no verso de papéis timbrados do Consulado Português em Argel. Tal cópia está depositada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (MEGIANI, 2011:50-68). A análise das referências bibliográficas de cada verbete e sistema de escrita nos revelou estarem equivocadas a datação e atribuição de autoria, convencendo-nos de que a obra original teria sido composta no século XVIII. O estudo desta cópia levou-nos a encontrar o manuscrito original, de que não se tinha notícia, localizado na Academia das Ciências de Lisboa, sob a autoria de Pedro José da Fonseca (1737-1816) (BORGES, 2011; FIGUEIREDO, 1816), professor do Colégio dos Nobres, membro fundador e diretor da tipografia da Academia, fundada em 1779, com patrocínio da Rainha D. Maria I. As evidências encontradas, tanto aquelas intrínsecas à fonte, como as relativas à trajetória de Fonseca, nos permitem afirmar ser ele o autor e propor datar a composição do *Diccionario* entre 1779 e 1810, referência mais tardia contida no documento.

A obra possui o formato enciclopédico – inserindo-se em tal movimento filosófico e pedagógico que buscava catalogar todo o conhecimento humano a partir dos novos princípios da razão (DARNTON, 1982) – e observa, só no nome, aquele que nos parece, até onde pudemos investigar, ter se erigido como um “gênero” na cultura escrita, o dos dicionários de antiguidades, que tratam da Antiguidade Clássica (CHOMPRÉ, 1727 [traduzido e publicado por Fonseca em 1785]; LEMPRIERE, 1788; CHRISTOPHE, 1805; MONCHABLON, 1760 [traduzido por Fonseca, manuscrito inédito localizado na Academia das Ciências de Lisboa]). Diferentemente, o *Diccionario das Antiguidades* de Pedro José da Fonseca se refere a Portugal, em específico, compreendendo o período que vai de 1095 a 1495², do Conde D. Henrique ao reinado de D. João II. Os verbetes são resultado de uma compilação de excertos e notícias que trataram do mesmo assunto ao longo do tempo, “tudo que se viu e ouviu falar”,

² “Por Antiguidad[ad]es de Portugal deve nesta Obra entender se tudo q[uan]to decorre desde o Conde D. Henrique, pai do nosso prim[eir]o e glorioso Rei até o fallecim[em]to d’el Rei D. João II isto he desde anno de 1095 até de 1495. Nessa ordem de coisas, Chronicas mais exactas, noticias maisbem averiguadas, leis reduzidas a boa forma e juntas em hum só corpo, novos estabelecim[en]tos, escritores polidos, linguagem constante e com a velha rudeza [...] desde o fellicissimo reinado d’el Rei D. Manuel até os nossos dias quase tudo uniforme, e a todos accessível.” *Diccionario das Antiguidades de Portugal*, DAP, “Prefação”, Tomo 1.

um cíclico entreglosar dos autores, expediente nada estranho a um professor de Retórica e Poética afeito aos *topoi* e preceptivas das *auctoritas*, cuja observação recomenda no seu *Arte poética de Q. Horacio Flacco* (FONSECA, 1790). Essa *episteme* tornara-se antiquada para o gosto dos contemporâneos de Fonseca (FOUCAULT, 2007), o que talvez tenha feito com que merecesse, em seis de março de 1823, como consta na folha-de-rosto, um parecer desfavorável para publicação pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, de cuja tipografia tinha sido diretor, de onde muitas obras editara e publicara.

Cada verbete do *Diccionario* contém notas e abreviaturas, por vezes, de difícil identificação, que se referem a autores e obras, em sua maioria, portugueses e espanhóis, construindo uma densa malha de copiosas referências, cuja catalogação e desdobramento, foram o principal objeto do trabalho de Iniciação Científica do pesquisador. A partir dessas extensas listas de nomes e livros, a “bibliografia” de Pedro José da Fonseca, é que temos formulado nossas principais hipóteses concernentes à datação e composição da obra. Já fizemos o estudo “arqueológico”, como temos chamado, de muitos verbetes contidos no *Diccionario*, procurando desdobrar as camadas textuais que compunham as entradas. Essa “arqueologia”, que pretendemos aplicar a todo o documento, nos deu segurança para descartarmos a tese, que sustentamos no início, de que o *Diccionario das Antiguidades de Portugal* seria uma obra feita a várias mãos e afirmarmos ser Pedro José da Fonseca quem compôs os verbetes por meio da justaposição de excertos retirados dos livros que referencia, suas autoridades, dos quais copia *ipsis litteris*.

No prefácio, onde ele chama a si mesmo “compilador”, Fonseca esclarece como compôs os verbetes do dicionário, de que autores mais se utilizou, conferindo valor à sua obra por meio da autoridade de suas referências, e trata da possibilidade de o trabalho ser alterado e levado adiante no futuro por ele mesmo ou outra pessoa:

“Entende se q[ue] transcrevendo fielmente dos nossos Authores, q[ue] com infatigável desvello, curiosa indagação, e zelo sinceramente racional se empregarão neste assumpto, se conseguiria mais firme confiança do leitor naquillo, q[ue] lhe expressão os ditos Autores [...] Nesta conta he sobresahirem com preferencia aos demais os dous Chronistas mores do Reino Fr. Ant[oni]o Brandão e seu sobrinho Fr. Francisco Brandão, e o chantre da Sé de Evora, Manoel de Severim de

Faria³ [...] No demais pouco deve atender-se á execu[?]ção do desejo de ser util, segundo a sua tênue possibilid[ad]e, ao trabalho e delig[enci]a do compilador, em ordenar este pequeno Dicionario. Se for diminuto, poder-se há augmentar, e suprimir-lhe as faltas nas futuras edições, se as merecer; se for imperfeito, considera-se, ao menos, como um desenho, e seja estímulo p[ar]a corrigillo e aperfeçoallo a quem com melhor auxilio, e mais vigorosa saude queira emprehendello.” (DAP, “Prefação”, tomo 1)

Dadas essas informações vestibulares que permitem ao leitor compreender de onde partimos, passamos agora a tratar do verbete *Annel de Benção* localizado no primeiro tomo do nosso *Diccionario* manuscrito, que a seguir transcreveremos. Aplicaremos ao verbete o método de análise “arqueológico”, de que falamos acima, e depois tentaremos uma aproximação à questão do uso de lugares comuns retóricos mobilizados na composição do relato. Segue transcrito o verbete:

“Annel de Benção. Conta se de D. Fernando Annes de Lima, filho de João Fernandes de Lima, progenitor da nobilissima família dos Limas, q[ue] vio huma vez pelejar huma cobra com duas doninhas, sobra lhes entrar na cova onde tinhão os filhos: as quaes ora juntas, ora revezando se sustentavão a batalha e defendião a porta. E das feridas se remedeavão espojando se em huma moita de saramagos, q[ue] alli estava, e mastigando delles, e logo tornavão á peleja [comp...]. Porem como em fim fossem vencidas e afugentadas: aquelle capitão q[ue] assistia curioso, desejando ver em q[ue] parava a briga, compadeceu se da p[ar]te mais fraca, e matou a cobra com o bastão. E voltando p[ar]a a barraca q[ue] tinha em campo contra os Mouros, contou alli o sucesso aos camaradas. Eis q[ue] no meio da pratica veio huma das doninhas p[or] meio da g[en]te, trazendo na bocca huma pedra preciosa, e [assim?] p[or] aos pés do seu libertador. A qual elle engastada em hum annel, deixou com a sua benção na Casa dos Limas, morgado q[ue] he dos Viscondes de Villa Nova de Cerveira, onde he estimado, e chamado p[or] essa causa: o annel da benção. Fr. Pedro de S. Francisco, na explicação do salmo 50. Villas Boas na Nobiliarchia Portugueza c.10.6. P[adre] M[ano]el Bern. Flor. Tom 2. p.158, se remette a estes tit. citados na margem.” (grifo nosso)

A primeira referência de que nos ocupamos foi “P Mel Bern. Flor. Tom 2. p.158, se remette a estes tit. citados na margem” por razão de parecer que essa teria sido a fonte da citação dos outros títulos feita pelo ordenador do verbete. Nosso primeiro desafio foi determinar que obra seria essa ali referida de maneira abreviada e lacunar. Logramos fixar o

³ São ao todo 95 remissões ao Chantre, majoritariamente, ao seu *Notícias de Portugal* de 1655, entretanto, faz-se referência a *Monarquia Lusitana* de António e Francisco Brandão ao menos três vezes mais.

título como sendo *Nova Floresta, ou Sylva de varios apophthegmas, e ditos fentenciofos efpirituaes, & moraes; Com Reflexoens, Em que o util da doutrina fe acompanha com o vario da erudição, affim divina, como humana* do Padre Manoel Bernardes, publicado em cinco volumes publicados entre 1706 e 1728, que transcrevemos abaixo:

"[...] Conta-fe de D. Fernando Anes de Lima, filha de Joaõ Fernandes de Lima, progenitor da nobiliffima familia dos Limas, que vio hua vez peleja hua cobra com duas doninhas, fobre lhes entrar na cova onde tinhaõ os filhos: as quaes hora juntas, hora revezando-fe, fuftentavam a batalha, & defendiaõ a porta. E das feridas fe remediavão efpójando-fe em hua mouta de faramagos, que ali eftava, & maftigando delles, & logo tornavaõ á peleja confortadas. Porèm como emfim foffem vencidas, & afugentadas: aquelle Capitaõ, que affitia curiofo, defejando ver em que parava a briga, compadeceufe da parte mais fraca, & matou a cobra com o baftaõ. E voltando para a barraca que tinha em campo contra os Mouros, contou alli o fuceffo aos camaradas. Eif que no meyo da pratica veyo hua das doninhas por meyo da gente, trazendo na bocca uma pedra preciosa, & a foy pôr aos pés do feu libertador. A qual elle engaftada em hum anel, deixou com a fua benção na caza dos Limas, morgado que he dos Vifcondes de Villa nova de Cerveira, onde he eftimado, & chamado por efa caufa, O Anel da benção. [nota lateral: Fr. Pedro de S. Francisco, na explicação do Pfal. 50. / Villasboas, na Nobiliarchia Portugueza, c. 10.]" (grifo nosso)(BERNARDES, 1708:158)

Podemos concluir ser mesmo o *Nova Floresta* a fonte que Fonseca transcreve para composição do verbete. Procedemos, então, à identificação da *Explicação do Psalmo 50* de Fr. Pedro de S. Francisco, de 1629, quando reinava em Portugal Filipe IV de Espanha, obra mais antiga ali referenciada, “feita a rogo da madre Dona Isabel de Sancto Antonio, ou de Lima” (FR. PEDRO DE S. FRANCISCO, 1629) e a ela dedicada. Antes que pudéssemos acessar a obra diretamente, encontramos sua referência no *Dicionário Bibliográfico* de Inocência da Silva (INOCÊNCIO, 1973:404-405) e no *Mosaico e Sylva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas* de Camillo Castelo-Branco (CESTELO-BRANCO, 1868), em que relata a passagem do Anel da Benção baseado na *Explicação do Psalmo 50*. Encontramos versão digitalizada dessa obra rara, que vai apontada na bibliografia do presente artigo, o que nos permitiu nos ocuparmos dela. A *Explicação* encomendada por um membro da família dos Lima, madre Isabel do Mosteiro da Esperança de Lisboa, franciscana como o próprio autor do livro, traz o relato do “Anel da Benção” na dedicatória que este último faz à primeira. O texto dedicatório possui um tom laudatório, como era de se esperar, e apresenta

um discurso claramente legitimador da Nobreza da “insigne” família, ancorando-a no parentesco com a casa real e na expressão miraculosa das virtudes dessa linhagem. Apesar de ser dilatado o texto de tal dedicatória, julgamos ser de grande interesse que o leitor possa ter acesso às informações por ele trazidas e à riqueza linguística do excerto barroco, por isso o lançamos abaixo transcrito:

“A MVITO REVERENDA EM CHRISTO MADRE Soror Ifabel de S.Antonio Religiofa do infigne

Mofteiro da Sperança de Lisboa.

Frei Pedro de S. Francisco D.S.P.

EMpenhado viho ha muito dias pella palaura que dei a V. R. de lhe explicar o Pfalmo Miferere mei Deus, que por muitas vezes me pedio, mas a continuação de dores que os gottofos padecem me não deu lugar a defempenhala mais cedo, como tamb~e não deu pera fentir na explicação delle com mais deuação, & erudição as que interiormente fentem os corações contritos, & e os peitos afferuorados, & verdadeiramente penitentes. Por~e confio que no que faltou de minha parte fuprira a contemplação e exercicio de virtudes em que V. R. foi criada na companhia fanctas Religiofas deffe Conuento, & de fua irmã a madre Soror Anna da Concepção, cuja vida, ainda que não chegou a mais de vinte & oito annos, todauia (como diz o Sabio) In breui explevit tempora multa: encheo em poucos annos muiyo tempo: porque (fegundo efcreue della o Illuftrifsimo Gonzaga) toda fua vida foi perpetua oração, perpetua abistinencia, & continua penitencia, illufre em fangue, mas muito mais em virtudes, que muito fe realção quando fão acompanhadas cõ a nobreza delle. [nota lateral: 'de Origin Relig p. 807.']

***E ao dos Limas, de que V. R. & ella defcendem, não pode algu~e negar limpeza, antiguidade & parentefco cõ a cafa Real dos Reis de Portugal fem bastardia.** Porque o primeiro tronco Dom Ioão Fernandes de Lima, chamado o Bom, foi filho de Dom Fernandianes Batizella & Dona Tereja Vermudes filha do Conde Dom Verm~u, & da Infante de Portugal Dona Tereja irmã inteira del Rey Dom Affonfo Henriques, como confta das Cronicas antiguas, & liuro das gerações que compos o Conde Pedro. Onde fe diz que defde Dom Ioão Fernandez de Lima o Bom, foi filho Dom Fernandianes de Lima h~u dos infignes Capitães de feu tempo. Do qual fe conta a hiftoria das duas Doninhas que pelejauão com h~ua Cobra ou Serpente; a qual com grande furia & braueza cometia entrar a coua onde as Doninhas tinhaõ feus filhos; em fefaõ dos quais arremetiaõ a ella hora vnidas, hora cada h~ua por fy; & inchando cõ as mordiduras que dauão & recebiaõ, fe valião de h~ua moite de faramagos que maftigauão, & fobre que fe efpojauaõ; & donde tornauão cõ nouas forças a continuar a batalha; porem, como as da Cobra inimiga eraõ taõ auentajadas, foraõ as Doninhas vencidas, & confrangidas a deixar o campo & a defenfão dos filhos. O que vifto pelo infigne Dom Fernandeanes de Lima, que prefente eftiuera a toda a batalha, compadecido da parte mais fraca, remeteo contra a Cobra, inda que medonha, & cõ o baftão que trazia, a matou. E tornado pera a tenda que tinha em campo contra*

Mouros, contou a batalha que vira & o foçefso della, & não acabaua bem de relatar, quando fem o medo que os brutos fylueftres coftumão ter dos hom~es, veio por entre todos os que eftauão ouuindo, h~ua das Doninhas, & como que tinha conhecido o valerofo Capitão o foi demandar. & pòs a feus pès h~ua pedra preciofa que trazia na boca, moftando que devia gratificação ao favor que delle recebera, & a vingança que por ella auia tomado de seu inimigo, & que pois a não podia dar cõ a boca, que della acceitafse aquella pedra que ali lhe deixaua.

*Efta pedra que os Limas fempre tiuerão em muita eftima, deixou com fua benção a feus defcendentes efte infigne varaõ em h~u anel a que elles por efta caufa chamarão, da benção, & que a tiueffe o filho mais velho pera que andaffe em feu morgado, que he o dos Bifcondes de Villanoua de Serueira, em perpetua lembrança de cafo taõ milagrofo. E bem fe pode cuidar, que a benção que com o anel deixou a feus defcendentes efte Progenitor dos Limas fobrinho del Rey Dom Affonfo Henriques, abrangeo aos varões no esforço que em feitos de armas t~e moftado contra Mouros em Africa & na India: & às Limas que não podiaõ profeffar armas; na profiſaõ que ordinariamente fazem de virtude & fanctidade. como largamente com muitos exemplos podera moftar, fe V. R. & fuas irmãas que Deos tem não baftaraõ pera proua defta verdade: h~ua que foi Religiofa fancta que ja nomeei, & outa que foi fermofa Dama do Paço de R.a D. C.a D. Ioãna de Lima raro exemplo de honeftidade & charidade, tão generofa & liberal cõ os pobres, **que bem parecia abrãgerlhe alem defta benção a de outro feu Progenitor mais remoto elRey Dam Affonfo 6. de Caftella a quem chamaraõ da mãõ furada, auõ que foi da Infante de Portugal mãi de Dom Ioão Fernandez de Lima o Bom que ja nomeei por primeiro tronco dos Limas, infignes enfim em armas & em infignes virtudes.***

Das quaes não trato, porque meu intento fenaõ extende por hora a mais, que defculpar minha tardança em não ter mandado a V. R. o feu Pfalmo, & minha confiança em lho mandar fem tornar a reuer & efcreuer, por não deixar de lho mandar. Guarde noffo Senhor a V. R. por largos annos com faude perfeita, para que em todos poſſa continuar em feu ſerviço. Amen.

Fr. Pedro de S. Francisco”(grifo nosso)(FR. PEDRO DE S. FRANCISCO, 1629, "Dedicatória", sem paginação)

A última das versões do relato que também vem citada por Pedro José da Fonseca no *Diccionario das Antiguidades de Portugal* é a da *Nobiliarchia Portugueza*, que entendemos ser aquela de Antonio de Villasboas e Sampayo, de 1676, cujo texto, mais floreado que seus antecessores, se assim podemos dizer, também faz apontamentos genealógicos, que vem até os dias de Filipe III e a mercê concedida pelo rei ao quinto neto de D. Fernando de Lima, que deixou a pedra ganhada no miraculoso acontecimento como chancela divina da sua nobreza, “vinculada em morgado a feus defcendentes”, ficando salientada a antiguidade e virtude dos serviços prestados por tal família ao reino de Portugal. Vai abaixo transcrito:

"[...] O primeiro Visconde, que ouve neste Reyno, foi Dom Leonel de Lima, a quem elRey Dom Affonso Quinto fez Visconde de Uillanova de Cerveira, & Alcaide Mór de Ponte de Lima. Tem hoje seus successores as mesmas preeminencias dos Condes, por mercè delRey Dom Philippe Terceiro, feita ao Visconde Dom Manuel de Lima. Era D. Leonel de Lima quinto neto de D. Fernando Annes de Lima, Ricohome delRey D. Fernando o Santo, de quem por tradição, se conta aquella historia da dòninha, que se acha no Nobiliario de D. Antonio de Lima⁴, titulo dos Limas q referirei por estranha. E foi, que tendo este fidalgo fidiado hum lugar dos Mouros, & sahindo hua tarde pelo campo só, & com hum baftam na mão, confiderando como melhor o poderia entrar, olhando para certa parte vio huma cobra pelejãdo com duas dòninhas, que porfiadamente defendiam hua cova, onde tinham feo ninho, & filhos: as quaes, tanto que se sentião maltratadas da peçonha, & mordeduras, que lhe fazia, se hia a mais offendida a hua movta de faramagos, que perto estava, & os maftigava, & se esfregava nelles, deforte que com este remedio cobrava fãude, & forças, & tornava á peleja, para que a componseira tiveffe lugar de fazer a mesma diligencia. E affi, revezandose, continuaram a batalha por espaço de tempo, até que cançadas, & maltratadas das das feridas, nam podendo mais aturar o combate, foram largando o campo ao inimigo vencedor, & se retirãram dando grandes gemidos. O que vendo D. Fernando Annes, tendo piedade dellas, & inclinandose à parte mais fraca, deu com o baftam, que na mão tinha, na cobra, & a matou. E tornandose ao Arrayal, estando à porta da tenda contando o que lhe auia succedido, chegou uma das dòninhas, fem medo algum, perante toda a gente, & lhe lançou aos pés hua pédra de anél, que trazia na boca, como em agradecimento do beneficio, qua auia recebido, & se foi. Teve Fernando Annes o successo por mysterioso, & arrecadou a pédra, que teve fempre em muyta eftima, & e a deixou vinculada em morgado a seus descendentes, em hum anel, a que elles chamão o anél da benção."
(VILLASBOAS E SAMPAYO, 1676:114-115)

O exercício de erudição que acabamos de executar nos é útil e necessário na compreensão do relato sobre o “Anel da Benção” e nos dá uma noção, mesmo que superficial, da sobrevivência dessa história na cultura escrita portuguesa, sendo que também nos parece certo afirmar que o relato tenha sido transmitido oralmente, mas a esse campo não podemos aqui proceder.

⁴ D. Antonio de Lima, que morreu em 1582, escreveu seu nobiliário *Linhagens dos Fidalgos de Portugal* em meados desse século, que logrou grande sucesso e foi copiado e anotado muitas vezes nos séculos seguintes. Tivemos acesso a versão digitalizada de cópia manuscrita, MSS. 3339, da Biblioteca Nacional de Espanã, que pertenceu a Alvaro Ferreyra de Vera e, anteriormente, foi de D. Belchior, como está anotado nas primeiras páginas (LIMA, D. Antonio, séc. XVI).

A história relatada, de tom fabuloso, trás em si uma moral e um ensinamento, e seus significados vão ainda mais além, como temos insistido, dizendo respeito à antiguidade dos privilégios e propriedades de uma família nobre, os Lima, enraizados no reino português desde sua fundação, ligando-se até mesmo a D. Afonso VI de Castela, como quis Fr. Pedro de São Francisco. Vemos esse expediente de afirmação de nobreza se proliferar na época e se fazer necessário visto que à época da publicação da *Explicação do Psalmo 50* a corte real localizava-se em Madri e o rei estava ausente, distante da nobreza portuguesa, a qual se fazia necessário representar-se perante o rei (MEGIANI, 2004); já o relato presente na *Nobiliarchia Portuguesa* de 1676, quando reinava D. Afonso VI de Portugal, o segundo brangança, talvez pudesse jogar papel legitimador análogo ao relato filipino, procurando confirmar a nobreza dos Lima. A legitimidade da nobre família não se fundava somente no quesito antiguidade, mas, como vimos, mobiliza-se também o caráter divino da sua linhagem, como fica patente através do relato, pois de maneira miraculosa D. Fernando de Lima é recompensado pela doninha com a pedra de anel pela sua atitude misericordiosa para com o animal, um sinal “verdadeiramente” divino da nobreza daquela família, cuja benção se transmite de geração em geração, a homens e mulheres, capitães e sóros, nas armas e na fé.

As doninhas⁵ da história, ali altamente personificadas, parecem ser o visão-europeu, ou doninha europeia, mustelídeo recorrente em Portugal, hoje considerado ameaçado de extinção (REICHHOLF, 1984:154-155; IUCN, 2006). Esse mamífero é retratado na história como vítima da maldade e peçonha da cobra⁶, esta vista como materialização do ente diabólico por todo o ocidente cristão com base no Gênesis e participação da mesma no episódio da queda do homem edênico⁷. As doninhas, ditas mais fracas, protegem a vida de

⁵ “DONINHA. Animal daninho aos pombaes, capoeiras, &c. *Musftela ae. Fem. (pen. Long.)* Poderás acrescentar *Minor*, para a differençar de foinha. [...]” (BLUTEAU, 1728:289-290)

⁶ A doninha é chamada *comadreja* em castelhano e sobre elas informa Cobarruvias no seu *Tesoro de la Lengva Castellana, o Española*: “La comadreja es enemiga natural~ete de las ferpientes [...]”(COBARRUVIAS-OROZCO, 1611:226) diz ainda que quando se põem a pelejar morrem as duas, pois ambas as mordeduras seriam venenosas. O sangue da doninha seria também remédio eficaz contra a mordedura de serpentes (COBARRUVIAS-OROZCO, 1611:226).

⁷ “SERPENTE [...] Efcreve Santo Ifidoro, que a Serpente não tem medo do homem senão quando o vê nu, deve de reconhecer nelle o dominio que nella tinha, quando o tentou eftando ainda nù. ” (BLUTEAU, 1728:606-607); “SERPIENTE, del nombre Latino ferpens ferpentis. Comunmente llamamos ferpi~ere a vn genero de culebra que fingimos tener alas, y grandes uñas en los pies. Dixofe a ferpento, porque todo genero de culebras y ferpientes vã arraftrando por el fuelo. Efta beftia dicha ferpiente tomò por instrumento el enemigo vniuersal del genero humano, y reueftido en ella engaño a nueftra madre Eua. Dize el Texto fagrado Genef. cap. 3. [...]. Y echandole el Señor la maldiciõ le dize. [...]. Todo efto fe entiende principalmente del demonio.”

seus filhotes contra a impiedosa serpente, e são dotadas pelo narrador de sabedoria militar, pois é relatado que se “revezavam em batalha”, curando suas feridas na moita se saramagos⁸. Essa planta não foi escolhida para compor a narrativa somente por seus poderes curativos, mas sua corola em forma de cruz (PRESS & SHORT, 1994), por isso chamada crucífera, é, por similitude (FOUCAULT, 2007), conforme a *episteme* clássica, a metáfora perfeita da cura das chagas do pecador pelas chagas de Cristo pregado no madeiro crúzio⁹. D. Fernando se compadece das doninhas feridas e as livra do seu algoz, matando a cobra. O relato continua e à doninha são conferidas mais características humanas, o discernimento e a gratidão, pois ela se dirige ao arraial para presentear o seu libertador. A noção de libertador e justiceiro não é aqui mobilizada sem razão, para termos uma compreensão melhor dos significados do relato é preciso que olhemos o contexto onde ela se passa, pois só assim somos capazes de perceber que o mesmo redentor daquelas criaturas é quem redimia o solo cristão ocupado pelos mouros infieis, contra os quais D. Fernando sustentava a peleja quando lhe ocorreu tão “maravilhoso” episódio.

O relato sobre o “Anel da Benção” da linhagem de D. Fernando Annes de Lima, que aqui procuramos enforçar e propor algumas interpretações, é um bom exemplo do uso de expedientes retórico em narrativas de cunho moralizante que, como pudemos ver, não se limitam ao campo das coisas etéreas, mas jogam um papel legitimador importante na política do seu contexto de produção e que pode ser traduzido e ganhar novos significados ao longo dos tempos.

Bibliografia e Fontes

(COBARRUVIAS-OROZCO, 1611:27) e “CVLEBRAS [...] En las fagradas letras fe toma muchas vezes por el demonio, y por el Antchrito: lo demas fe dira en la palabra Serpiente. De la culebra diz-e, que fi vee vn hõbre defnudo huye del.” (COBARRUVIAS-OROZCO, 1611:258v),

⁸ No verbete que Bluteau compõe sobre o saramago em seu *Vocabulario Portuguez e Latino* cita justamente a *Nobiliarchia Portugueza* na passagem que relata o episódio da em questão (BLUTEAU, 1728:496).

⁹ Outro exemplo muito conhecido da *episteme* clássica, que nos elucidou Foucault em *As Palavras e as Coisas*, da maneira de se organizar e produzir conhecimento a respeito do mundo, é a flor do maracujá, chamado fruto da paixão, pois traz em si os símbolos da Paixão de Cristo, a corola floral representaria à coroa de espinhos, os três estigmas seriam os cravos das duas mãos e pés de Jesus e as cinco anteras seriam a imagem das cinco chagas.

ALMEIDA, Átila. **Dicionários parentes e aderentes, uma bibliografia de dicionários, enciclopédias, glossários, vocabulários e livros afins em que entra a língua portuguesa.**

João Pessoa: FUNAPE/Nova Stela, 1988.

BERNARDES, P. Manoel. **Nova Floresta**, ou Sylva de varios apophthegmas, e ditos fentenciofos efpirituaes, & moraes; Com Reflexoens, Em que o util da doutrina fe acompanha com o vario da erudição, affim divina, como humana: Offerecida, & dedicada A' Soberana Mãe Da Divina Graça Maria Santissima Senhora Nossa, pelo Padre Manoel Bernardez da Congregaçã do Oratorio de Lisboa. Segvndo Tomo. Lisboa. Na Officina de Valentim da Costa Deslandes. Impreffo de S. Mageftade. Com todas as licenças neccessarias, & Privilegio Real. Anno M.DCC.VIII. [1708]. Titulo IV, Beneficios. Parágrafo IV. p.158. Encontrado no seguinte endereço eletrônico:

http://books.google.com.br/books?id=N4KWDlo_6aoC&pg=PP8&dq=Nova+Floresta+tomo+segundo&hl=pt-BR&ei=W0gsT7u7Mee20AHj_73PCg&sa=X&oi=book_result&ct=book-thumbnail&resnum=2&ved=0CDoQ6wEwAQ#v=onepage&q=Nova%20Floresta%20tomo%20segundo&f=false. Acesso de 30/03/2013.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário Latino e Português**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. Encontrado no seguinte endereço eletrônico: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/1>. Acesso de 30/03/2013.

BORGES, Margarida de Almeida (Universidade de Aveiro). **Pedro José da Fonseca e a sua obra lexicográfica**. Tese de doutoramento em Linguística, 2011.

BOUZA-ALVAREZ, Fernando. **Portugal no Tempo dos Filipes. Política, Cultura, Representações (1580-1640)**. Trad. Pedro Cardim. Lisboa: Cosmos, 2000.

_____ **Corre manuscrito. Una historia cultural del Siglo del Oro**. Madrid: Marcial Pons, 2001.

CASTELO-BRANCO, Camillo. **Mosaico e Sylva de curiosidades historicas, litterarias e biográficas**. Porto: Anselmo de Moraes, 1868. Encontrado no seguinte endereço eletrônico: http://books.google.com.br/books?id=sDcBAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=salmo%2050&f=false. Acesso de 30/03/2013.

CASTILLO-GÓMEZ, Antonio. **Entre la pluma y la pared. Una historia social de la escritura en los Siglos de Oro.** Madrid: Ediciones Akal, 2006.

CHOMPRÉ. **Dictionnaire Abrégé da la Fable**, pour l'intelligence des poètes, des tableaux et des statues, dont les sujets sont tirés de l'Histoire Poétique, 1727 (traduzido e publicado por Fonseca em 1785).

CHRISTOPHE, Math **Dictionnaire pour servir a l'intelligence des auteurs classique grecs et latins**; comprenant la géographie, la fable, l'histoire et les antiquités, avec une table chnologique, et un tableau des poids, mesures et monnoies des anciens, comparés avec les nôtres, 1805.

COBARRUVIAS-OROZCO, Sebastian de. **Tesoro de la Lengva Castellana, o Española.** Dedicado a Filipe III. Madri: Luis Sanchez, 1611. Encontrado no seguinte endereço eletrônico: <http://fondosdigitales.us.es/fondos/libros/765/16/tesoro-de-la-lengua-castellana-o-espanola/>. Acesso de 30/03/2013.

CURTO, Diogo Ramada. **Cultura escrita: séculos XV a XVIII.** Lisboa: ICS, 2007.

DARNTON, Robert. **L'aventure de l'Encyclopédie**, Perrin, 1982.

FIGUEIREDO, Francisco Coelho de. **Agradecimento de um homem á memória de outro homem virtuoso, sábio e filósofo.** Lisboa: Impressão Régia, 1816.

FONSECA, Pedro José da. **Arte poetica de Q. Horacio Flacco. Epistola aos Pisões, traduzida em portuguez e illustrada com escolhidas notas dos antigos e modernos interpretes, e com um commentario critico sobre os preceitos poeticos, lições varias e intelligencia dos logares difficultosos.** Lisboa: na Offic. De Simão Thaddeo Ferreira, 1790.

_____ **Diccionario das Antiguidades de Portugal**, para servir á intelligencia da historia antiga d'este reino [manuscrito inédito].

FOUCAULT. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas.** Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FRANÇA, Eduardo d'Oliveira, **Portugal na Época da Restauração.** São Paulo: HUCITEC, 1997.

LEMPRIERE, J.. **Bibliotheca Classica**; or, A Classical Dictionary, containing a full account of all the proper names mentioned in antient authors; with tables of coins, weights, and measures in use among the Greeks and Romans, 1788.

LIMA, D. Antonio. **Nobiliário de Portugal**. MSS. 3339, inédito. Biblioteca Nacional de España. Encontrado no seguinte endereço eletrônico: http://bibliotecadigitalhispanica.bne.es/view/action/nmets.do?DOCCHOICE=3482281.xml&dvs=1364656981081~344&locale=pt_BR&search_terms=&adjacency=&VIEWER_URL=/view/action/nmets.do?&DELIVERY_RULE_ID=4&usePid1=true&usePid2=true. Acesso de 30/03/2013.

MEGIANI, Ana Paula Torres. “‘Dicionário das antiguidades de Portugal’: estudo introdutório sobre um manuscrito aberto”. In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes, CALAINHO, Daniela Buono, FEITLER, Bruno e FLORES, Jorge. (orgs.) **Raízes do Privilégio: Mobilidade social no mundo ibérico do Antigo Regime**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. pp. 50-68.

_____ **O Rei Ausente. Festa e cultura política nas visitas dos Filipes a Portugal (1581 e 1619)**. São Paulo: Alameda/FAPESP/Cátedra Jaime Cortesão, 2004.

_____ “Política e letras no tempo dos Filipes: o Império português e as conexões de Manoel Severim de Faria e Luis Mendes de Vasconcelos”. In: BICALHO, Maria Fernanda Baptista e FERLINI, Vera Lucia Amaral. (Orgs.). **Modos de Governar. Idéias e práticas políticas no Império Português. Séculos XVI e XIX**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2005, pp.239-256.

_____ “Imprimir, regular, negociar: elementos para o estudo da relação entre Coroa, Santo Ofício e impressores no mundo português (1500-1640)”. In: **Anais de História de Além-Mar**, Vol. VII, Lisboa, 2006, pp. 231-250.

VASCONCELOS, José Leite de. **Severim de Faria - Notas biográfico-literárias**. Coimbra, 1914.

MONCHABLON, Etienne-Jean. **Dictionnaire Abrégé d'Antiquités**. Pour servir a l'intelligence de l'Histoire Ancienne, tant Sacrée que Profane, & à celle des auteurs grecs & latins, 1ª ed. 1760 (traduzido por Fonseca, manuscrito inédito).

Mustelid Specialist Group (1996). **Mustela lutreola**. 2006 IUCN Red List of Threatened Species. IUCN 2006.

FR. PEDRO DE S. FRANCISCO. **Explicação do Salmo cincoenta**, feita a rogo da madre Dona Isabel de Sacto Antonio, ou de Lima. Lisboa, por Pedro Craesbeck 1629. Encontrado

no seguinte endereço eletrônico: <http://archive.org/details/explicaodosa00pedr>. Acesso de 30/03/2013.

PRESS, J. R., SHORT, M. J. **Flora of Madeira**, The Natural History Museum. London: HMSO, 1994.

REICHHOLF, Josef. **Mamíferos**. [S.l.]: Círculo dos Leitores, 1984, pp. 154-155.

SILVA, Inocêncio Francisco da. **Dicionário Bibliográfico Português**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1973. tomo VI, pp. 404-405.

VILLASBOAS E SAMPAYO, Antonio. **Nobiliarchia Portvgveza**. Tratado da Nobreza hereditaria, & politica. Offerecida Ao Excellentissimo Senhor Dom Joam da Sylva Marquez de Govvea, Conde de Portalegre, Do Concelho de Eftado do Principe Nosso Senhor, feu Mordomo Mòr, Prefidente do Defembargo do Paço, &c. Escrita por Antonio de Villasboas & Sampayo. Em Lisboa Com todas as licenças necefsarias Na Officina de Francisco Villela. Anno 1676. Capítvlo X. pp. 114-115. Encontrado no seguinte endereço eletrônico: <http://books.google.com.br/books?id=cJBAAAACAAJ&printsec=frontcover&dq=Nobiliarchia+Portuguesa&hl=pt-BR&sa=X&ei=aT0sT-LbLaLn0QGSpm3BCg&ved=0CEEQ6AEwAzgK#v=onepage&q=Nobiliarchia%20Portuguesa&f=false>. Acesso de 30/03/2013.